

GRAFISMOS E MARCAS DE INVISIBILIDADE

Luene Anicá dos Santos¹; Keila Felício Iaparrá²; Elissandra Barros da Silva³

Letras, Linguística e Artes

Resumo

Este trabalho é fruto da Oficina de Narrativas Fotográficas realizada pelo Programa de Educação Tutorial – Conexão de Saberes, do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal do Amapá. A oficina nos estimulou a “pensar” e construir narrativas visuais com o uso da fotografia, e foi durante a oficina que pudemos “ver” nossos grafismos em diversos espaços da cidade. Para nós, indígenas, os grafismos têm forte ligação com a nossa identidade, por isso observamos sua presença onde, em geral, as pessoas não os notam. Este trabalho é nosso olhar sobre a presença dos grafismos no centro da cidade de Oiapoque, município do Amapá que faz fronteira com a Guiana Francesa e onde vivem, aproximadamente, seis mil indígenas dos povos Karipuna, Galibi-Marworno, Galibi-Kalinã e Palikur-Arukwayene – distribuídos entre as terras indígenas Uaçá, Galibi e Juminã –, que constituem 27,2% do total de habitantes do município. A densidade indígena no Oiapoque não corresponde à visibilidade e, nesse trabalho, discutimos a presença do invisível através dos grafismos.

Palavras-chave: Grafismo. Povos Indígenas. Oiapoque.

1 Introdução

Nós – Karipuna, Palikur-Arukwayene, Galibi-Marworno e Galibi-Kali’na – constituímos os Povos Indígenas de Oiapoque e estamos localizados nas Terras Indígenas Uaçá, Juminã e Galibi, no município de Oiapoque, estado do Amapá, na fronteira entre o Brasil e a Guiana Francesa. Nós nos subdividimos, politicamente, em cinco regiões: BR-156, Rio Kuripi, Rio Uaçá, Rio Urukauá e Rio Oiapoque e constituímos, segundo o censo do IBGE de 2010, 27,2% do total de habitantes do município. Temos uma relação comercial muito próxima com o município de Oiapoque e de *Saint Georges*, na Guiana Francesa, onde vendemos os produtos agrícolas produzidos em nossas aldeias. No comércio de Oiapoque vendemos nossa produção agrícola e compramos produtos industrializados que vão abastecer nossas comunidades. Trata-se de uma relação de interdependência: nossa produção agrícola é indispensável para a alimentação das pessoas que vivem no Oiapoque, onde, por sua vez, adquirimos os produtos industrializados que necessitamos para nossas aldeias.

Além da relação comercial, atualmente há muitas famílias indígenas vivendo no Oiapoque. Esse deslocamento para a cidade é relativamente recente e, acreditamos, motivado

¹ Discente PETiana Bolsista do Grupo PET-Indígena Conexão de Saberes do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal do Amapá – anikaluene@gmail.com

² Discente PETiana Bolsista do Grupo PET-Indígena Conexão de Saberes do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal do Amapá – feliciokeyla18@gmail.com

³ Tutora do Grupo PET-Indígena Conexão de Saberes do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal do Amapá – elisbarros22@gmail.com.

pela busca de emprego e por melhores condições de atendimento às necessidades básicas como saúde e educação, uma vez que em nossas aldeias esse ainda é um problema que permanece. Muitas famílias acabam deslocando seus filhos para estudar na cidade, pois nas aldeias, devido à falta de professores, um ano escolar pode durar vários anos⁴. Nossa proximidade com a cidade faz com que estejamos diretamente ligados e nossa presença seja frequente em muitos espaços, mas, apesar de estarmos presentes, somos invisíveis ou invisibilizados, e isso é o resultado de uma série de questões, que vão desde o processo histórico que levou a constituição do município do Oiapoque até a negação da identidade “indígena” aqueles sujeitos que não atendem ao “estereótipo” do que é ser indígena no Brasil. Estereótipo com o qual não concordamos e que, definitivamente, não representa a diversidade de povos indígenas no Brasil e, analogamente, no Oiapoque.

2 Objetivo

Nosso objetivo neste trabalho é mostrar como os grafismos indígenas estão presentes no cotidiano das pessoas do Oiapoque, embora não haja reconhecimento dessa presença. Queremos destacar que é preciso “conhecer” para “reconhecer” e, analogamente, também chamamos atenção para o fato de que a invisibilidade dos nossos grafismos reflete nossa próxima invisibilidade na sociedade, onde estamos presentes, mas não somos vistos.

3 Metodologia

A metodologia utilizada nesse estudo iniciou-se com a realização de uma Oficina de Narrativas Fotográficas, realizada pela Tutora do Programa de Educação Tutorial – Conexão de Saberes, do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal do Amapá. A oficina nos estimulou a “pensar” e construir narrativas visuais com o uso da fotografia, considerando que a “fotografia é um ato cultural que reflete a maneira de pensar e ver o mundo do seu autor” (Novaes, 1998, p.117). Assim, a oficina objetivava que nós, petianos, pudéssemos “olhar” através das lentes das câmeras fotográfica e enxergar novos ângulos e possibilidades. Nós fizemos uma saída fotográfica livre, em que fotografávamos o que víamos, “aleatoriamente”, depois disso retornamos ao grupo e fomos discutir o que havia nas imagens captadas.

As imagens que trouxemos contavam histórias, tinham elos que pareciam aleatórios, mas que em nossa discussão fomos descobrindo que não eram, pois o elo entre elas

⁴ As aldeias indígenas do Oiapoque são atendidas pelo Sistema Modular de Ensino Indígena (SOMEI) e as aulas são ministradas em módulos de, aproximadamente, 50 dias. Contudo, há muitos problemas nessa estrutura, o que implica diretamente no tempo que os alunos levam para concluir um ano letivo.

era as formas de grafismo que havíamos captado, mesmo não intencionalmente, nas imagens que registramos. Fizemos uma discussão sobre as imagens e, durante ela, chegamos a conclusão de que aquelas imagens eram uma analogia da própria presença indígena no Oiapoque, era a presença do invisível, os grafismos, assim como nós, estão invisíveis na cidade do Oiapoque, mas basta um olhar mais aprofundado para constatar que nós, e os grafismos, estamos presentes em todos os lugares.

A terceira parte do nosso trabalho consistiu no desenho dos grafismos. Selecionamos algumas das imagens, identificamos o grafismo e desenhamos a utilização desse grafismo na nossa cultura: pintura corporal, marcas em objetos, etc. Ao final, construímos um texto em que compartilhamos a nossa reflexão sobre a importância dos nossos grafismos e a sua presença, invisível.

4 Resultados e discussão

“Você fotografa o que vê, e vê o que é”, essa é uma frase do fotógrafo José Medeiros, que sintetiza o que vimos nas imagens que registramos, isso porque quando nos reunimos e passamos a analisar as fotos, o que víamos eram grafismos: grafismos nas casas, nos comércios, nas ruas, no chão, nos produtos à venda nos comércios. Provavelmente um não-indígena teria outra interpretação dessas imagens, mas para nós, indígenas do Oiapoque, o que vimos era nossa presença em diversos espaços da cidade, a presença do invisível, nossos grafismos eram a própria síntese da nossa presença no Oiapoque, a fotografia foi o ponto de partida para a reflexão sobre nós mesmos, sobre nossa relação com a cidade e da cidade conosco, povos indígenas do Oiapoque.

No início nós caminhávamos pelas ruas da cidade e tentávamos nos ver na cidade, enxergar nossa presença, o que foi difícil a princípio por que ainda não estávamos sendo sensíveis, ainda não tínhamos “aberto nosso olhar”, é preciso ter sim sensibilidade para poder enxergar as narrativas a partir dos sentimentos que determinada imagem passa, imagens que nos fizeram questionar o modo como nós estamos sendo representados na cidade de Oiapoque. Interessante destacar que quando identificamos os grafismos dos nossos povos em vários lugares da cidade foi uma descoberta incrível para nós, de repente estávamos olhando para aqueles grafismos e estávamos sentindo nossa memória, começamos a pensar também sobre a nossa visibilidade: estamos aqui, mas não somos vistos. Na maioria das vezes só somos vistos enquanto indígenas quando estamos trajados ou com as nossas marcas pelo corpo, mas não estamos assim o tempo todo. É bem difícil dizer, mas nem sempre a cidade de

Oiapoque é receptível para nós. As imagens foram capturadas pela cidade de acordo com o que víamos de grafismos e, cada vez que visualizávamos, íamos nos empolgando e cada vez mais íamos descobrindo esses grafismos em espaços que nem imaginávamos que haveria. A seguir vamos apresentar algumas das imagens que captamos e dos desenhos que fizemos:

Figura 1 - Mostramos o grafismo “*Kai atxipá*”, que é a marca do tamuatá. Ele é usado como pintura corporal nas pernas, mas também são usados como tranças – nos cabelos das moças –, nas peneiras e nos *txipitxi*, *jamaxi*. É um grafismo muito ligado aos materiais de produção da farinha. O desenho é de Keyla Felício e a fotografia foi tirada no pátio do Campus Binacional do Oiapoque por Luene Karipuna.



Figura 2 - Grafismo “*mak txó uaseí*”, muito usado nos bancos de jacaré do povo Palikur-Arukwayene e também na pintura corporal, geralmente nos braços. Na imagem o grafismo está nas grades de um estabelecimento comercial. O desenho é de Keyla Felício e a fotografia de Luene Karipuna.



5 Considerações finais

Ao finalizar esse trabalho, que na realidade é constituído por muito mais imagens e desenhos, queremos destacar que no Oiapoque somente somos vistos como indígenas quando estamos pintados com jenipapo ou urucum. Da mesma forma, nossas marcas só são visíveis quando estão em nossos artefatos, corpos e vestimentas. Quando ocupamos espaços na sociedade continuamos sendo indígenas, mas, infelizmente, a nossa identidade enquanto indígena é, com frequência, questionada, como se o “ser” Karipuna, Palikur-Arukwayene ou pertencente a outro povo originários, dependesse, quase que exclusivamente, dos estereótipos que criaram sobre nós.